

Aquecimento global

1ª Parte: Furacões, alterações climáticas e aquecimento global

Embora o governo norte-americano continue a insistir em que não há aquecimento global, a maioria dos cientistas está convencida do contrário. Alguns investigadores dizem que o aquecimento global foi um importante factor na mortífera série de furacões (nome dado às violentas tempestades tropicais ou ciclones que atingem a América) que recentemente devastou as Caraíbas, a América Central e os EUA. Qual a ligação entre aquecimento global e tempestades tropicais? Quais as causas do aquecimento global? Até que ponto é o aquecimento global causado pela actividade humana e o que é que se pode fazer em relação a isso? O seguinte artigo em duas partes analisa estas questões.

A revista científica internacional *Nature* noticiou que os possíveis vínculos entre a formação de furacões e o aquecimento global são um tema controverso na política climática. A profundidade da divisão entre apoiantes e cépticos já era visível em Janeiro, quando o meteorologista norte-americano Chris Landsea se demitiu do Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas (IPCC na sigla em inglês) – uma organização que trabalha com o Programa Ambiental das Nações Unidas. Landsea estava a protestar contra as declarações do seu colega de painel Kevin Trenberth que, numa conferência de imprensa, tinha argumentado que havia um vínculo entre o aquecimento global e os temporais.

A *Nature* escreveu: “O ponto de vista de Trenberth é apoiado pela mais recente e sólida análise da destruição provocada pelos furacões dos últimos 30 anos, feita pelo principal investigador norte-americano de furacões, Kerry Emanuel, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), de Cambridge, Massachusetts.” Emanuel tinha concluído que “um futuro aquecimento pode conduzir a uma maior tendência do potencial destrutivo dos ciclones tropicais e... a um aumento significativo dos prejuízos relacionados com furacões no Século XXI.”

Muito antes do Furacão Katrina, o IPCC tinha declarado no seu relatório de avaliação de 2001: “Há alguns indícios de que a frequência regional dos ciclones tropicais pode mudar... Também há indícios de que a intensidade máxima pode aumentar entre 5% a 10% e a taxa de precipitação [chuva] pode aumentar entre 20% a 30%. É necessário muito mais trabalho nesta área para se obter resultados mais robustos.” Em Agosto de 2005, o Golfo do México estava uns surpreendentes 2 a 3°C mais quente do que era normal nessa altura do ano. Os furacões são alimentados pela energia que retiram da água aquecida. O Katrina extraiu tanto calor do Golfo que as temperaturas da água caíram dramaticamente após a tempestade, em algumas regiões entre 26 a 30°C.

Julian Heming, perito em furacões no Gabinete Met de Exeter, Grã-Bretanha, disse que era necessário um registo de longo prazo para se estabelecer um vínculo firme entre o aquecimento global e os furacões mais poderosos. Ele disse: “Eu diria que este artigo confirma a visão amplamente assumida na comunidade científica de que embora o aquecimento global possa não estar a ter nenhum impacto na frequência dos ciclones tropicais ou mesmo na percentagem dos que atingem a dimensão de furacões, pode ter um impacto na pequena percentagem de ciclones tropicais que atingem a dimensão mais elevada (categorias 4 e 5).” Era esta a dimensão do Katrina.

Embora o vínculo entre o aquecimento global e os furacões esteja a emergir como um novo tema controverso entre os cientistas e seja necessária muito mais investigação nessa área, a maioria dos cientistas, de uma forma ou de outra, concorda com certos factos sobre as alterações climáticas e o aquecimento global que surgiram até agora.

Alterações climáticas naturais

A atmosfera da Terra mudou dramaticamente desde que o planeta se formou há 4,5 mil milhões de anos. À medida que os cientistas aprendem mais sobre a atmosfera, eles apercebem-se que as alterações climáticas não são um fenómeno com uma só dimensão, de uma só vez. Os principais acontecimentos geológicos moldaram a atmosfera àquela em que hoje vivemos. A crosta terrestre começou a solidificar-se há cerca de 4 mil milhões de anos. Há cerca de 3,5 mil milhões de anos, a Terra começou a ser habitada por diversos organismos, primeiro sob a forma de seres unicelulares primitivos, tendo alguns deles depois evoluído para organismos multicelulares. Estas e outras formas de vida representaram um papel dinâmico na alteração da atmosfera e da Terra como um todo.

Uma revolução de oxigénio começou há cerca de 2,5 mil milhões de anos. Os primitivos organismos unicelulares usavam a energia do Sol para separarem as moléculas da água (fotossíntese), produzindo os nutrientes de que necessitavam e libertando oxigénio como derivado. Essa libertação de oxigénio alterou profundamente a atmosfera da Terra. Tornou possível a evolução de organismos aeróbios [que respiram ar] para outras formas de microrganismos, plantas e mais tarde animais – que usam o oxigénio para extrair energia dos alimentos. Não foi de todo uma adaptação fácil ou rápida. O processo decorreu durante os quase 2 mil milhões de anos em que os organismos unicelulares primitivos tiveram a Terra toda para si. Depois disso, a interação entre as plantas que consomem dióxido de carbono e os animais que consomem oxigénio e emitem dióxido de carbono passou a fazer parte do que manteve esses dois gases em equilíbrio durante milhões de anos.

Outro acontecimento que alterou dramaticamente o clima foi a movimentação de massas terrestres conhecidas como Pangeia. Há cerca de 250 milhões de anos, o solo da Terra, que antes constituía uma massa única, começou a dividir-se nas massas de terra setentrional (*Laurasia*) e meridional (*Gondwana*). Posteriormente, a deriva continental viria a separar as massas de terra nos actuais continentes. A Índia colidiu com a Eurásia há cerca de 10 milhões de anos, formando os Himalaias, a cordilheira de montanhas da Terra mais elevada e mais recente. Essas montanhas alteraram drasticamente a atmosfera da Terra, capturando a humidade e agindo como barreira contra os ventos que sopram de um continente para outro.

Além disso, forças externas influenciaram enormemente a atmosfera e o planeta. Há cerca de 65 milhões de anos, um asteróide ou um cometa atingiu o que é hoje o Mar das Caraíbas, perto da Península do Iucatão, no México, criando uma enorme cratera em forma de ferradura. O impacto e os seus efeitos imediatos mataram a maioria das plantas e animais da América do Norte em poucos minutos. Uma nuvem de vapor quente e detritos bloqueou os raios do Sol e alterou radicalmente a atmosfera da Terra. Isso causou a extinção de animais e plantas em todo o globo. O seu impacto pode ter sido parte de uma série de eventos que, nessa altura, contribuíram para uma tendência de arrefecimento global.

A história da Terra tem sido marcada por períodos alternados de frio relativo, em que a maior parte dos hemisférios norte e sul ficava coberto por glaciares, e períodos relativamente mais quentes em que esses glaciares recuavam para os pólos. O actual período interglacial, chamado Holocénico, começou há cerca de 10 mil anos e é um exemplo das raras condições de aquecimento que ocorrem entre cada idade do gelo. Em menos de 4000 anos, a temperatura global aumentou 6 °C, o nível do mar subiu 120 metros, a quantidade de carbono na atmosfera aumentou em um terço e o metano atmosférico duplicou. À medida que a Terra aquecia, em resposta a essa alteração das condições climáticas, os seres humanos começaram a domesticar animais e a praticar a agricultura. Também surgiram as primeiras propriedades privadas e a exploração do homem pelo homem e a sociedade foi dividida em classes com interesses opostos. A humanidade viria a tornar-se num agente das alterações climáticas, de uma forma que a Terra nunca tinha visto em 4,5 mil milhões de anos. Posteriormente, com a ascensão do capitalismo e a expansão explosiva da indústria que ele provocou por volta do início do século XIX, os seres humanos começaram a alterar o seu ambiente ainda mais rápida e dramaticamente.

Alterações climáticas criadas pelo homem

Os “gases de efeito de estufa” são gases que aprisionam o calor do Sol de uma forma semelhante ao efeito dos vidros de uma estufa. Esses gases deixam a radiação solar entrar na atmosfera terrestre e depois absorvem o calor reflectido pela Terra. Alguns desses gases existem na natureza, como o vapor de água, o metano (produzido na decomposição de plantas e animais e na flatulência animal) e o dióxido de carbono. O dióxido de carbono é um derivado da combustão de substâncias com carbono – árvores e combustíveis fósseis como o carvão, o petróleo e o gás. O metano, 20 vezes mais eficiente que o dióxido de carbono a aprisionar o calor do Sol, também é produzido na agricultura, nas minas e na indústria. A proporção desses gases na atmosfera aumentou em cerca de 25% durante os últimos 150 anos. Além disso, houve uma crescente presença de outro tipo de gases de estufa na atmosfera, gases exclusivamente artificiais como os usados nos *sprays* com aerossóis. Ao mesmo tempo, o abate de florestas e outras alterações da utilização dos solos estrangularam os processos naturais com que as árvores e outras plantas removem o dióxido de carbono da atmosfera.

Além dos estudos sobre a atmosfera terrestre, outros factos da astrofísica também sugerem que a temperatura atmosférica está directamente relacionada com a concentração de dióxido de carbono. Por exemplo, o planeta Marte é muito pequeno, pelo que a sua gravidade é demasiado pequena para reter uma atmosfera densa. A atmosfera marciana é cerca de cem vezes menos densa que a da Terra. Porque o pouco dióxido de carbono que há em Marte está congelado no solo, a temperatura média à superfície de Marte é cerca de -50 °C. Em contraste, Vénus tem quase a mesma massa que a Terra mas uma atmosfera muito mais densa composta por 96% de dióxido de carbono. Esta

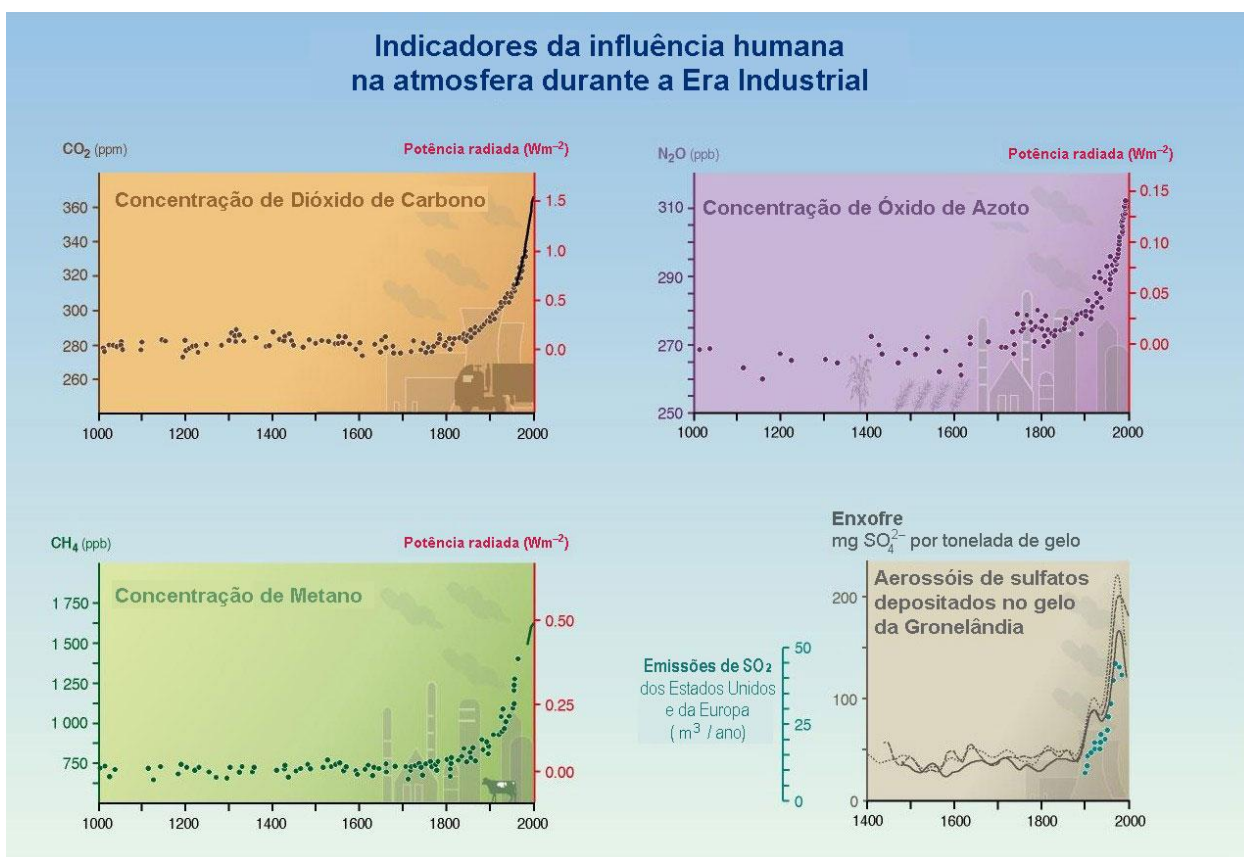
elevada percentagem de dióxido de carbono produz um intenso aquecimento global e por isso Vénus tem uma temperatura à superfície superior a +460 °C.

A seguinte tabela, extraída dos relatórios do IPCC, lista quatro dos sete gases de estufa que ainda estão em uso e que mais contribuem para as alterações climáticas. A concentração destas substâncias químicas associadas à moderna actividade humana aumentou consideravelmente na atmosfera desde os tempos pré-industriais e muito mais nitidamente durante as últimas décadas.

	Fórmula química	Concentração pré-industrial	Concentração em 1994	Aumento em percentagem	Fonte humana
Dióxido de carbono	CO ₂	278 ppm (*)	358 ppm	30%	Queima de combustíveis fósseis. Alterações do uso dos solos. Produção de cimento.
Metano	CH ₄	700 ppb (*)	1721 ppb	240%	Queima de combustíveis fósseis. Arrozais. Aterros sanitários.
Óxido de azoto	N ₂ O	275 ppb	811 ppb	15%	Fertilizantes. Processos industriais. Queima de combustíveis fósseis.
Hexafluoreto de enxofre	SF ₆	0 Não existe na natureza e é produzido artificialmente	0,032 ppb		Fluidos dieléctricos

(*) ppm = partes por milhão; ppb = partes por bilhão (ou seja, mil milhões)

O seguinte diagrama também mostra o aumento da concentração desses gases desde a revolução industrial:



Fonte: Relatório do IPCC.

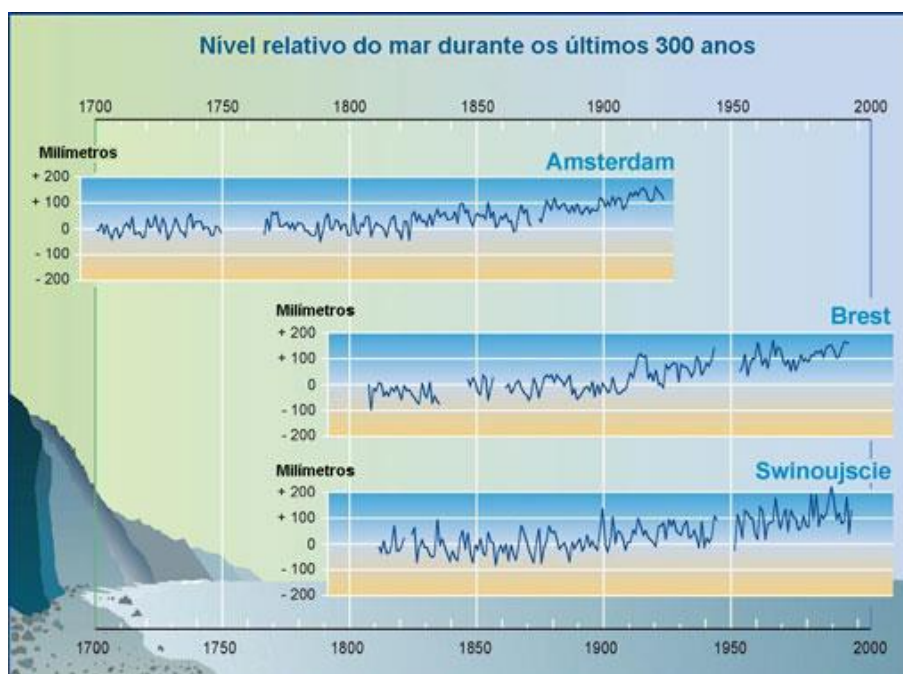
Os gases de estufa não são o único factor do aquecimento global. Como se disse antes, a Terra passou por períodos de aquecimento e arrefecimento muito tempo antes de a humanidade produzir gases de estufa suficientes para terem um grande impacto e mesmo nos últimos 150 anos houve ciclos de temperaturas mais quentes e mais frias. A relação entre os gases de estufa e outros factores ainda é objecto de estudo. Mas a investigação feita até agora levou a maioria dos cientistas a concluir que a energia solar aprisionada pelos gases de estufa está a representar o principal papel no rápido aumento da temperatura da Terra que hoje se observa.

2ª Parte: Quão perigoso é? Que podemos fazer em relação a isso?

Na cimeira internacional de Montreal sobre as alterações climáticas desta semana, a primeira dessas reuniões desde a cimeira de Quioto em 1997, os EUA continuaram a recusar-se a reconhecer os perigos ou sequer a existência do aquecimento global, sobre o qual um cientista britânico participante declarou ser tão perigoso para o futuro da humanidade como as armas de destruição em massa. Os observadores presentes na abertura da reunião de 190 países em Montreal tinham poucas esperanças de que viesse a haver um verdadeiro progresso na obtenção de acordos internacionais de limitação das emissões de gases de estufa, o principal factor da rápida subida das temperaturas mundiais. Embora as metas de redução de emissões de gases de estufa acordadas em Quioto sejam criminosamente inadequadas (o objectivo era reduzir as emissões em 2012 para 5% abaixo do nível de 1990), até agora os verdadeiros valores das emissões têm aumentado e não diminuído – mesmo a União Europeia, que apoiou Quioto, não tem conseguido cumprir as suas metas. Quão perigoso é o aquecimento global? Porque é que os governantes dos EUA e das outras principais potências se recusam a agir com seriedade, mesmo sabendo que o desastre tem os olhos fixos no género humano? Analisaremos estas questões neste segundo artigo de uma série com duas partes.

Quão perigoso é o aquecimento global?

Os dados fornecidos pelo Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) sugerem que o nível médio do mar está a subir à medida que o aquecimento global aquece as águas dos oceanos, fazendo com que se expandam e derretam os glaciares e as gigantescas placas de gelo que cobrem a Gronelândia e a Antárctica. Mostram que durante os últimos 100 anos, em geral, o nível global do mar subiu cerca de 4 a 14 cm. O seguinte diagrama mostra a alteração do nível do mar, medida nos litorais holandês, alemão e polaco.



Fonte: Relatório do IPCC.

A maioria dos cientistas acredita que a subida da temperatura, a subida do nível do mar, as chuvas intensas, as cheias em algumas regiões e a seca e os incêndios noutras regiões são o prelúdio de alterações abruptas do clima da Terra. Com base nos modelos do IPCC, prevê-se um aumento entre 20 e 88 cm do nível do mar no final do século XXI. Prevê-se que o aumento da temperatura tenha um efeito relativamente pequeno na subida do nível do mar durante a primeira metade do século XXI, porque é preciso muita energia inicial para que se torne efectiva qualquer alteração

visível no sistema climático oceanos-gelos-atmosfera. Porém, se as placas de gelo vierem a derreter completamente, a sua contribuição para a subida do nível do mar seria a seguinte: glaciares das montanhas = 0,3 metros, Gronelândia = 7 metros, Placa de Gelo da Antártica Ocidental = 8,5 metros, Placa de Gelo da Antártica Oriental = 65 metros. A subida total do nível do mar seria de 80,8 metros – uma situação para a qual a sociedade humana no seu todo, e nenhuma nação por mais rica que seja, não está preparada para enfrentar efectivamente.

O *permafrost* da Terra (os solos permanentemente gelados das regiões árticas) é outro gigante adormecido cujo despertar causaria abruptas alterações climáticas. Os mais de dois mil milhões de hectares da superfície da Terra que estão sob o *permafrost* são mais sensíveis à subida da temperatura que qualquer outra região. Por exemplo, em Fairbanks, no Alasca, onde as estradas, as construções e os relvados perturbaram o *permafrost*, muito dele já está a descongelar. O solo por baixo está a ceder. As casas estão a partir-se e enormes fendas nas estradas tornam necessárias constantes obras de conservação. Os efeitos no Ártico russo são ainda mais dramáticos. Se o *permafrost* continuar a descongelar, a matéria orgânica que esteve congelada durante milhares de anos decompor-se-á e emitirá metano e/ou dióxido de carbono, o qual é um gás de estufa ainda mais nocivo. O carbono armazenado no *permafrost* de todo o mundo, estimado em quase 450 mil milhões de toneladas, se e quando for libertado, poderia facilmente desencadear uma reacção em cadeia sem precedentes com um efeito de dominó sobre o aquecimento global.

O perigo igualmente importante e iminente de uma alteração climática abrupta tem a ver com as correntes do fundo do oceano (também chamadas circulações termo-halinas). A Corrente do Golfo leva a água quente e salgada da superfície do Golfo do México através de todo o Atlântico até aos mares nórdicos. Calcula-se que, por exemplo, a Corrente do Golfo no Atlântico transporte uma energia equivalente a 27 mil vezes a de todas as centrais de energia da Grã-Bretanha juntas. Se a camada de gelo e a fusão dos glaciares introduzirem suficiente água fresca nas águas do Ártico, a Corrente do Golfo desaparecerá devido ao equilíbrio resultante no conteúdo salino e na temperatura da água do Golfo e do Atlântico Norte. A eliminação ou redução da circulação do fundo do oceano causaria uma brusca alteração climática na Grã-Bretanha e na Europa Ocidental, com verões mais curtos e invernos muito frios, um clima semelhante ao de Moscovo, que não é muito mais a norte que Manchester, embora a tendência global mundial seja para um clima mais quente. Alterações semelhantes também causariam destruição na agricultura, para não falar na vida quotidiana das pessoas, noutras partes do globo.

Os *tsunamis* de hidratos gasosos são um fenómeno ainda mais perigoso – talvez aquele que mais preocupa os cientistas. Os hidratos gasosos são gases (dióxido de carbono e sobretudo metano, mais comum) aprisionados sob a forma de gelo no fundo de mares e lagos. Há 10 bilhões (milhões de milhões) de toneladas de hidratos gasosos armazenadas por baixo da Terra, em comparação com os apenas 180 mil milhões de toneladas de dióxido de carbono na atmosfera. Há indícios claros de que, no passado, violentas libertações de hidratos gasosos causaram enormes baixas das placas continentais, desencadeando assim *tsunamis*. Há cerca de 8000 anos, um *tsunami* de 15 metros destruiu muitas aldeias no litoral escocês.

Que fazer?

Como tem sido revelado pela investigação científica, sobretudo durante os últimos 30 a 40 anos, o futuro da Terra está em perigo se os seres humanos mantiverem o actual estado das coisas. Porém, apesar dos possíveis resultados graves da actividade humana dos últimos 150 anos, como disse Mark Maslan, do Centro de Investigação das Alterações Ambientais do Departamento de Geografia da University College de Londres, o aquecimento global não é necessariamente o “fim do mundo”.

Embora o aquecimento global seja um problema multidimensional que desafia a própria existência da civilização humana, há ao mesmo tempo soluções multifacetadas que poderiam ser efectivas se tivessem por trás de si a vontade, a criatividade e a força organizada de milhares de milhões de pessoas. É verdade que alguns elementos que contribuem para o aquecimento global, como os gases de estufa que permanecem muito tempo na atmosfera, continuariam a ter efeitos adversos no ambiente durante décadas, mesmo que de imediato sejam dados passos para eliminar novas emissões. Alguns causaram mesmo danos irreversíveis – por exemplo, os glaciares do Antártico e partes das placas de gelo da Gronelândia já derretidos estão perdidos, se não para sempre, pelo menos até a próxima idade do gelo. A biodiversidade está muito ameaçada. Mas assumir uma atitude fatalista seria tão nocivo como ignorar o problema e esperar que o desastre aconteça.

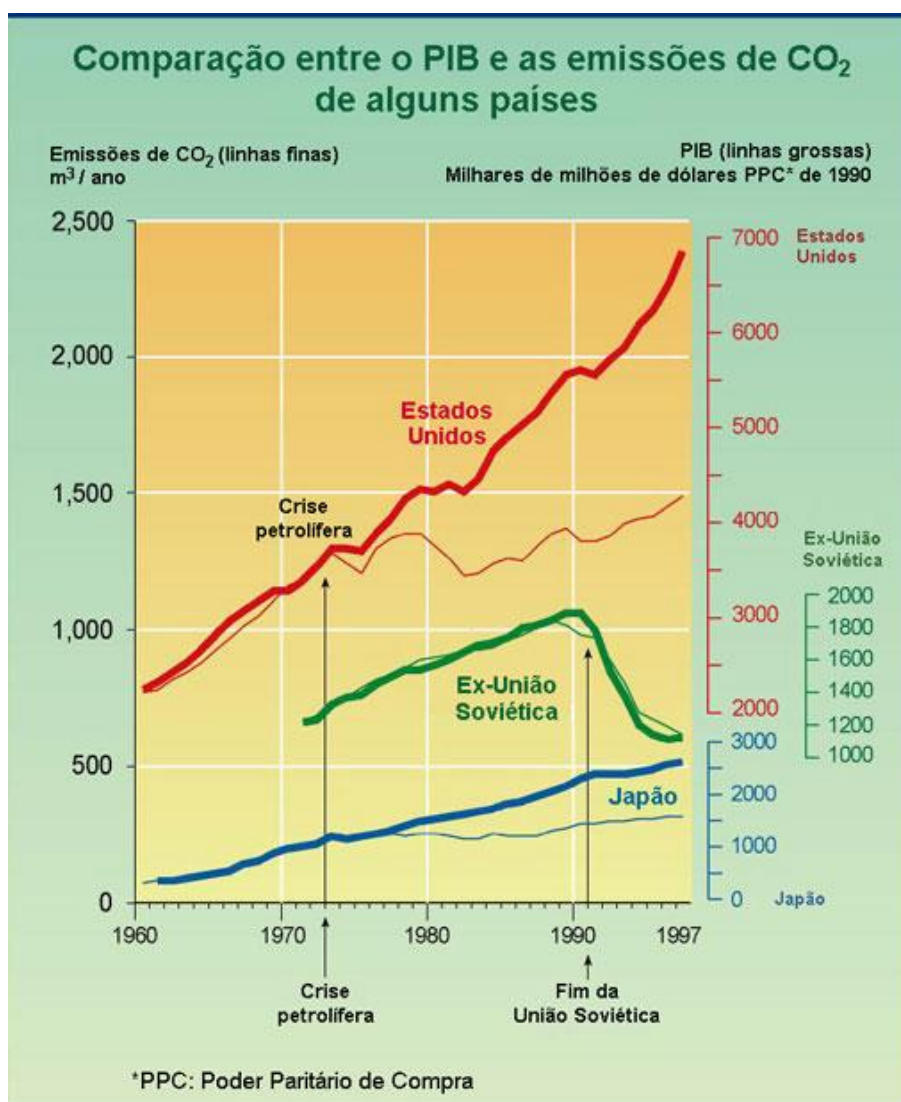
Soluções técnicas e o desenvolvimento de políticas amigas do ambiente estão ao alcance da humanidade – como diminuir a quantidade de gases de estufa produzidos e sobretudo reduzir e finalmente eliminar completamente as emissões de dióxido de carbono, tal como se eliminaram os gases fluoretos usados na indústria e nos produtos domésticos. Porque é que não estão a ser aplicados grandes recursos na investigação e no desenvolvimento de fontes limpas de energias renováveis como a solar, a eólica e a hídrica? Mesmo uma adaptação relativamente simples das

actuais centrais de energia a carvão, a pior fonte de gases de estufa, poderia cortar imediatamente para quase metade as suas emissões de dióxido de carbono.

Um problema é que o que se pode e o que não se pode fazer hoje dependem de como qualquer solução encaixe num sistema imperialista global baseado no lucro. Por causa da competição entre os vários capitalistas, a lei básica é expandir ou morrer. Fazer lucros instantâneos independentemente das suas consequências – independentemente do custo para os seres humanos e o ambiente – é a forma fundamental de o capitalismo operar. O custo envolvido na resolução dos problemas e a necessidade imediata de lucro colocam gigantescos obstáculos à forma de implementação de soluções de longo prazo.

Nenhuma empresa, nem em última análise nenhum país capitalista, quer dedicar vastos recursos a algo cujo custo reduziria a rentabilidade global, para lidar com um problema que acaba de assomar no horizonte. É verdade que os países, e sobretudo os países imperialistas controlados por um punhado de capitalistas monopolistas, gastam uma enorme quantidade de dinheiro em actividades improdutivas como o armamento e a guerra, mas isso é-lhe imposto pela competição entre si e pela esperança de conquistarem (ou perderem) vantagem competitiva em relação a outros grupos de capitalistas. A forma como países como os EUA vêem isto é a de que um enorme investimento para lidar com o aquecimento global apenas atrasaria as suas economias em relação à competição – os outros países imperialistas. Isto, por sua vez, é uma razão para que os outros países imperialistas não queiram agir a menos que os EUA o façam e por que eles estão dispostos a aceitar a inacção dos EUA como desculpa para a sua própria passividade.

Os seguintes diagramas do IPCC descrevem a correlação entre as emissões de dióxido de carbono e a produção económica (PIB, Produto Interno Bruto) dos EUA, da ex-União Soviética (um país imperialista de facto desde os anos 50, muito antes de se desmoronar) e do Japão.



Fonte: Relatório do IPCC.

É por isso que mesmo um acordo imperfeito como o Protocolo de Quioto, o qual define apenas uma redução em 8% das emissões de gases de estufa, para os fazer regressar ao seu nível de 1990 em 2012, e que até agora não foi implementado, tenha sido rejeitado e sabotado pelos EUA e tido uma fraca adesão, para dizer o mínimo, da União Europeia.

Isto revela uma segunda razão para não ter sido feito mais em relação ao aquecimento global e para alguns governos – como o governo Bush – terem tentado negar a existência do problema. Em primeiro lugar, o capital está baseado em estados-nação e, em segundo lugar, o mundo está dividido em países imperialistas e nos países do chamado terceiro mundo que eles pilham. Se esta situação for aceite como necessariamente eterna, isto é um obstáculo fundamental a sequer se conseguir pensar em resolver correctamente um problema global.

Por exemplo, os EUA dizem que não se comprometerão a reduzir as emissões de gases a menos que os países do terceiro mundo também o façam. Outros países imperialistas seguiram-nos, usando a falta de vontade de países como a China, a Índia e o Brasil em chegarem a um acordo como outra desculpa para a sua própria recusa em tomarem medidas mais sérias. Isto é hipócrita por duas razões. A primeira, obviamente, é que os EUA têm sido sem dúvida os maiores poluidores do mundo, seguidos pelos outros países imperialistas, sobretudo tendo em conta o seu papel na forma como o mundo chegou a esta confusão durante o último século e meio. Mas a segunda e talvez mais importante razão é a esta: a enorme deslocação das indústrias mundiais para os países do terceiro mundo, com a China à frente deles, não foi devida a um desenvolvimento das economias desses países que tenha beneficiado os seus povos. Em nenhum outro lugar isto é mais óbvio que na China onde, desde que restaurou o capitalismo após o golpe de estado reaccionário que se seguiu à morte de Mao Tsétung, o “desenvolvimento” do país o transformou na maior fonte de mão-de-obra barata do mundo. Dezenas de milhões de proletários chineses trabalham 12 e mesmo 16 horas por dia, sete dias por semana, com salários de miséria, a fabricar produtos para os mercados japonês, norte-americano e europeu e gerando enormes lucros para os capitalistas baseados nesses países. É o capital financeiro imperialista que impõe o vertiginoso desenvolvimento industrial da China, sem respeito pelo bem-estar dos habitantes do país e do mundo. Isto tem contribuído enormemente para deslocar a poluição do Ocidente para o Oriente e do Norte para Sul. O problema da poluição industrial no terceiro mundo não está só nesses países mas está mesmo mais em toda a actual rede mundial de relações capitalistas que precisam de ser eliminadas e exterminadas para se salvar o planeta.

Isto leva-nos ao terceiro aspecto desta situação: enfrentar este tipo de catástrofe potencial requererá a experiência, as ideias, a criatividade, o esforço e por vezes o sacrifício de todos os milhares de milhões de seres humanos em todo o mundo. Ninguém consegue defender que isso seja sequer concebível com o actual sistema económico, social e político global.

O desenvolvimento e os gases de estufa não têm que ser sinónimos. Muitos cientistas e activistas ambientais têm explorado o conceito de desenvolvimento sustentável – uma economia que consegue satisfazer as crescentes necessidades humanas sem destruir o planeta em que vivemos. Se a sociedade – eventualmente toda a sociedade humana em todo o planeta – não for gerida segundo os princípios do capitalismo mas sim os do socialismo, porque é que uma economia planeada, em o que os objectivos mais elevados sejam a emancipação e o bem-estar da humanidade e o seu ambiente, não pode criar uma economia que sirva esses fins? Porque é que a humanidade tem que continuar a aguentar o desperdício e a destruição impostos pelo capitalismo? E o que é que impede essa sociedade de dedicar os recursos necessários a evitar ou pelo menos a minorar o impacto das catástrofes naturais?

Na época em que o capitalismo começou a colocar a humanidade no caminho do risco do aquecimento global que hoje enfrentamos, Karl Marx e Friedrich Engels escreveram no *Manifesto Comunista*: “As relações burguesas de propriedade, toda esta sociedade burguesa moderna que fez surgir tão poderosos meios de produção e de troca, assemelha-se ao mago que já não é capaz de dominar os poderes infernais que convocou com os seus feitiços.”

A Natureza pode criar catástrofes previsíveis e imprevisíveis de todas as magnitudes e a todos os níveis no decurso da interacção humana com a Natureza. Os desastres afectam as sociedades socialistas tanto como o fazem com as sociedades capitalistas. Alguns podem ser devidos às forças destrutivas da natureza; outros podem ser causados pela actividade humana. Porém, a sociedade socialista pode restringir ou lidar melhor que o capitalismo com o impacto dos desastres. É certo que as futuras sociedades socialistas enfrentarão desafios ambientais muito sérios. Mas as decisões conscientes tomadas colectivamente ao nível da sociedade, e tão cedo quanto possível a nível global, em vez de decisões tomadas atrás das portas fechadas das salas de reuniões das multinacionais por um punhado de burocratas capitalistas, serão muito mais efectivas na minimização e no combate às calamidades naturais. Os recentes acontecimentos, como o Furacão Katrina e o Furacão Rita que atingiram o coração dos estados norte-americanos no Golfo, são um caso a salientar. O sistema capitalista norte-americano encabeçado pela burocracia capitalista estatal e a máquina de guerra mais poderosa do mundo não conseguiram tomar as mais elementares precauções que poderiam ter reduzido enormemente o sofrimento humano. Pior, quando as massas de pobres de Nova Orleães e de outros

lugares tentaram enfrentar colectivamente a situação, o estado, em vez de ajudar, enviou a polícia e a Guarda Nacional para lhes apontarem as armas e transformarem uma catástrofe natural num crime de enormes proporções. Como pode alguém negar que um sistema social baseado nas necessidades dos povos do mundo possa fazer muito melhor que isso logo desde o início?

Há cento e cinquenta anos, Karl Marx escreveu em *O Capital*: “Do ponto de vista das mais elevadas formas económicas da sociedade [o socialismo e o comunismo], a propriedade privada do globo por alguns indivíduos surgirá como tão totalmente absurda quanto a propriedade privada de um homem por outro. Mesmo uma sociedade no seu todo, uma nação, ou mesmo todas as sociedades existentes tomadas em conjunto, não são donas do globo. São apenas os seus possuidores... têm que o entregar à geração seguinte em melhores condições.”

Em suma, embora tenhamos que levar a cabo todas as batalhas possíveis para forçarmos as empresas e sobretudo os governos a implementarem medidas que possam fazer a diferença, nada senão fazer a revolução em todos os países quando surgir essa oportunidade, derrubando o sistema imperialista global, pode fazer com que, de uma forma completa, a energia da humanidade enfrente este problema. A magnitude do aquecimento global atravessa todos os limites geográficos, nacionais, culturais e sociais e a sua solução está numa radical ruptura política e social com o mundo tal como ele está organizado agora.

O desafio é grande, mas também o é a força potencial dos 6 mil milhões de pessoas cujo futuro está em jogo. Nós, as massas populares da Terra, temos que avançar na eliminação desta loucura imperialista e da sua desnecessária destruição do ambiente e na criação de um novo mundo livre da exploração e opressão e da irreflectida destruição do ambiente que é o seu resultado.